

## MARIA FIRMINA DOS REIS E A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NA LITERATURA E NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO OITOCENTISTA<sup>1</sup>

Sandra Maria JOB<sup>2</sup>

Recebido: 13/11/19

Aprovado: 06/01/20

### RESUMO

Quem é, onde e como estava a mulher negra na literatura e sociedade brasileira em 1800? Esta pesquisa surgiu desses questionamentos. Pesquisa cuja maior proposta é identificar a representação de gênero e raça na obra *Úrsula* e no conto “A escrava” (2004), de Maria Firmina dos Reis (século XIX)). Além do objetivo maior desta pesquisa, ela também tem o intuito de refletir sobre a condição social e literária da mulher negra na literatura e sociedade, no século dezenove.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Literatura afro-brasileira de autoria feminina. Mulher negra.

### ABSTRACT

Who, where and how was the Black woman in Brazilian literature and society in 1800? This search arose from such questions. The main purpose of this work is to identify the representation of gender and race in the book *Úrsula* and of shortstory “A escrava” (2004), by Maria Firmina dos Reis (nineteenth century). And also to reflect on the condition of Black women in literature and society, in the nineteenth century.

**KEYWORDS:** Gender. Afro-brasilian literature by female authours. Black woman

### INTRODUÇÃO

Neste estudo, busco refletir sobre a situação social da mulher negra oitocentista assim como analisar a representação feminina dessa mulher na literatura afro-brasileira<sup>3</sup> de autoria feminina, em específico aqui na literatura de Maria Firmina dos Reis, no romance *Úrsula* e no conto “A escrava”.

---

<sup>1</sup> Esse estudo, modificado, é parte da tese de doutoramento intitulada *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras*, defendida em março de 2011, na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves.

<sup>3</sup> Em relação à literatura afro-brasileira (Zila Bernd, Cuti, entre outros), de maneira geral, considera como tal a literatura escrita por um/a afrodescendente e na qual esteja presente um eu-poético-negro que retrate a vivência, ou sentimentos, e/ou dores de um/a negro/a.

Literatura é um tema amplo e complexo para se conceituar/definir e entrar no mérito da questão não vem ao caso aqui, contudo para uma melhor compreensão desse estudo acho pertinente lembrar que o conceito de literatura, desde que o termo foi cunhado e utilizado para se referir a textos literários, não têm sido perene, imutável. Coube aos indivíduos de cada período histórico e literário dar sua contribuição nesse sentido, ainda que de forma muito subjetiva e por grupos hegemônicos. Ainda nesse sentido, ao longo dos séculos, o termo também deixou de ser benevolente e ganhou adjetivos pátrios, restringindo o termo literatura. Nesse sentido, surge a literatura brasileira, que se quer diferenciada da literatura JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

No que diz respeito à literatura afro-brasileira, ela, assim como quaisquer outras literaturas, é uma expressão cultural que se quer, como é sabido, com particularidades próprias e que expressem o viver e os problemas vividos por mulheres e homens negros que, em uma sociedade racista, sexista como a brasileira, esse viver e problemas obviamente apontarão experiências distintas, como pode se observar, por exemplo, nas literaturas afro-brasileiras de autoria feminina (Esmeralda Ribeiro, Lubi Prates<sup>4</sup>, Jarid Arraes, Ryane Leão<sup>5</sup>, Marli de Fátima Aguiar<sup>6</sup>, Eliane Alves Cruz<sup>7</sup>, Ana Cruz<sup>8</sup>, Vânia Melo<sup>9</sup>, além de Conceição Evaristo etc) cujas vozes, com estilos próprios, proporcionam ao leitor um despertar para uma consciência nacional do que é ser mulher e ser mulher negra na sociedade brasileira. Em outras palavras, em muitos dos textos da literatura afro-brasileira, em particular aqui a produzida por mulheres, as mulheres negras podem se (re)conhecer no texto e a partir dessa identificação entender que o que ela vive é, na verdade, o que todas as mulheres negras viveram, vivem ou poderão vir a viver, pois essas literaturas, embora ficção, revelam, sob vários aspectos e cada uma a sua maneira, representações sociais da mulher negra. Nesse sentido, estudar as personagens femininas em tais obras, podem, por um lado, “assumir um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos da nossa realidade cultural (...)”<sup>10</sup>, social e humana que têm sido silenciadas e/ou sofrido de invisibilidade, inclusive dentro de muitas literaturas canônicas.

Sendo assim, buscando por certos aspectos sociais, e/ou históricos, e/ou culturais, e/ou políticos e, com certeza, principalmente humanos, a proposta desse estudo visa refletir sobre a condição social, afetiva, maternal, enfim, humana da mulher negra – na literatura oitocentista de Maria Firmina dos Reis, dentro da obra *Úrsula* e no conto “A escrava”. Para tanto, o estudo se respalda em Gonzalez (2018), Bairros (1995), Bernd (1988), entre outros.

Quanto à estrutura do trabalho, no primeiro momento tecemos algumas considerações sobre Maria Firmina dos Reis dentro do seu período histórico e literário, posteriormente trazemos a análise proposta e, por fim, as considerações finais.

---

portuguesa; surge a literatura inglesa que se quer diferenciada da americana etc. E não bastasse essa *terrincionalização*, no Brasil, a literatura brasileira se subdivide, ganha caracteres identitários locais, regionais, étnicos, raciais. Surgem, então, a literatura paraense, literatura afro-brasileira, literatura regional etc. Deixa, assim, de ser literatura, no sentido amplo e talvez vago, para ser literatura *específica* de um território, de um povo. E passa a ter um ‘brasão’, na falta de um termo melhor. Subjazem a esse ‘brasão’ questões políticas, de identidade e culturais. É o caso da literatura afro-brasileira, por exemplo.

<sup>4</sup> *Um corpo negro*, editora Nosotros.

<sup>5</sup> *Tudo nela brilha e queima*, editora Planeta.

<sup>6</sup> *Tecendo memórias e histórias*, um livro artesanal de contos.

<sup>7</sup> *O crime do cais do Valongo*, publicado pela editora Malé em 2018, escolhido como um dos melhores do ano de 2018 pelo *O Globo* e o Blog da Estante Virtual, *Águas de barreira*, romance, editora Malé.

<sup>8</sup> *Eu não quero flores de plástico*, livro de poemas.

<sup>9</sup> *Breve voo da borboleta* e *O caminho das estações*.

<sup>10</sup> (GONZALEZ, 2018, p. 11).

## MARIA FIRMINA DOS REIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A literatura afro-brasileira e, conseqüentemente, os nomes de escritores(as) que escreveram em séculos anteriores ao século XX têm surgido no panorama literário graças ao trabalho de resgate de pesquisadores(as) empenhados(as) em (re)escrever o cânone e a historiografia da literatura brasileira. Contudo, nos primeiros trabalhos neste sentido, vislumbrava-se certa desigualdade de gênero, em particular, seja porque a mulher negra escrevendo foi em número *limitadíssimo*; seja porque quando era proposto um estudo de resgate o trabalho dos(as) muitos(as) pesquisadores(as)<sup>11</sup> nesta área se concentravam no resgate de autores e obras de homens negros por uma série de fatores, como, por exemplo, a existência de pouquíssimas mulheres negras na academia que poderiam manifestar interesse no resgate de escritoras afro-brasileiras. Contudo, os trabalhos existentes que visam ao resgate dessas escritoras e à análise das obras delas têm sido de suma importância para uma melhor compreensão da história e trajetória social de escritoras e de personagens femininas negras, visto que, comprovadamente, a literatura de autoria feminina tem possibilitado uma outra importante (re)leitura das sociedades, inclusive a brasileira. Por outro lado, a literatura das afro-brasileiras, em específico, possibilita, além da releitura da sociedade, uma leitura e melhor compreensão das condições subjacentes norteadoras da realidade social das mulheres negras. Para isso, portanto, é indiscutível a importância das pesquisas de resgate e da existência de mulheres que ousaram escrever literatura em séculos cruéis para com as mulheres em geral. Mais que isso, estudar temas relacionados à mulher negra ratifica “[...] a profunda importância do papel da mulher negra em nossa sociedade e como o estudo deste tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural”<sup>12</sup>.

Em se tratando das escritoras afro-brasileiras, em específico, estas revelações só vêm (re)afirmar a *presença* negra além da casa grande e da senzala na formação social e intelectual do Brasil. Presenças estas às quais se deve dar (re)conhecida visibilidade. Concomitantemente, lançar luz sobre temas abordados nas literaturas afro-brasileiras, visando à análise da representação feminina, assim como analisar aspectos estruturais dessas narrativas também é uma forma de contribuir para a visibilidade dessa literatura que ainda é olhada de esguelha pela ala conservadora dentro da academia. Nesse sentido, é pertinente e sempre oportuno olharmos para o século XIX para

---

<sup>11</sup> Para citar alguns: Gregory Rabassa (1965), David Brookshaw (1983), Zilá Bernd (1988); Oswaldo de Camargo (1987). Nos autores citados, nas obras nas quais enfocam literatura, ao se reportarem ao autor e obra, suas escolhas são por autores negros.

<sup>12</sup> (GONZALEZ, 2018, p. 41)

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

(re)ler Maria Firmina dos Reis (1825-1917), assim como a situação da mulher negra no seu período histórico, social e político.

Como é sabido, Maria Firmina dos Reis era prima do escritor, também maranhense, Sotero dos Reis, e viveu parte de sua vida na casa de uma tia bem situada financeiramente. Esse fato, sem desmerecer o empenho e a capacidade intelectual de Maria Firmina, certamente foi um item relevante para que ela se realizasse profissionalmente (ser professora, escritora, musicista), vivendo em pleno século XIX e sendo afrodescendente. E tal comentário se faz oportuno, pois visa evitar que um leitor menos atento, diante das realizações dessa escritora, conclua que é a ascensão profissional e educacional dos negros é fácil no Brasil, bastando querer para tornar sonhos uma realidade. Não era fácil naquela época, nem é tão fácil agora - mesmo no século XXI. O meio social ao qual pertencia, portanto, contribuiu sim para que ela pudesse desenvolver sua capacidade intelectual, proporcionando-lhe os mecanismos para isso.

Enquanto escritora, que é o aspecto da sua intelectualidade na qual nos deteremos, escreveu os romances *Úrsula*<sup>13</sup> e *Gupeva*<sup>14</sup> e o conto “A escrava”<sup>15</sup>, além de outros textos em jornais daquela época e poemas. Inserida no Romantismo brasileiro (1836-1881), traz em *Gupeva* o tema indianista, que é um dos temas mais significativos dentro do nacionalismo romântico. Em *Úrsula*, traz o amor açucarado das novelas românticas e, de forma engajada, o tema da escravidão e também a condição social da mulher branca e negra na sociedade oitocentista. No conto “A escrava” traz novamente o tema da escravidão.

Contudo, mesmo abordando temas típicos dos folhetins românticos, o cânone literário brasileiro, pensado e construído por homens brancos, não lhe deu nenhuma visibilidade. E se compararmos *Úrsula* a obras canônicas como *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *A viuvinha*, de José de Alencar, por exemplo, ver-se-á que *Úrsula* não perde em nada, pois Maria Firmina dos Reis foi além do aspecto idealizador da mulher. Ela, assim como Castro Alves, excetuando-se o eu-narrador<sup>16</sup>, utiliza-se do texto literário para denunciar uma injustiça política e social da sua época: a escravidão. E, além disso, ainda traz em *Úrsula* as propostas românticas, isto é, uma personagem feminina idealizada, protagonizando um triângulo amoroso em uma fábula nem

---

<sup>13</sup> *Úrsula* foi publicado pela primeira vez em 1859. É considerado como o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira.

<sup>14</sup> *Gupeva*, romance indianista, foi publicado no jornal *O Jardim dos Maranhenses*, em 1861.

<sup>15</sup> O ano da primeira publicação do conto data de 1887.

<sup>16</sup> Faço referência ao eu-enunciador (BERND, 1988) que, no caso dos textos de Castro Alves, não é expresso por um/a negro/a. No caso de *Úrsula* e do conto “A escrava”, encontra-se um eu-enunciador negro/a, em especial quando são os personagens negros que falam, mas não somente.

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

um pouco complexa – própria dos folhetins da época. Mas que tem algo diferenciador neste triângulo amoroso: o amor incestuoso e obsessivo do tio por Úrsula. Esse algo diferenciador, pela forma como é desenvolvido na narrativa, tem um quê de crítica social. No contexto geral, por outro lado, a obra tinha elementos para se tornar incômoda para a sociedade conservadora da época.

Em suma, seus romances têm todos os ingredientes da receita que outros autores da época usaram em suas obras e, *por isso*, aparentemente, é que se tornaram cânones. Mas Maria Firmina era mulher. Além de ser mulher, Maria Firmina dos Reis era negra e ousou contestar atos desumanos da época. Talvez esses aspectos tenham sido determinantes para sua ausência no cânone, visto que, em termos de qualidade literária *Úrsula*, como já comentado, se enquadra dentro dos padrões literários da época. Padrões que consagraram narrativas e autores daquele período.

## **QUEM É E ONDE ESTAVA A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE OITOCENTISTA**

Quanto às obras de Maria Firmina, aqui nos deteremos em *Úrsula* e no conto “A escrava”. Neste, como o próprio nome sugere, a narrativa vai se prender em torno de uma mulher escravizada que, fugindo do seu carrasco, acaba propiciando o encontro dela e do filho, também escravizado, com uma senhora branca que acidentalmente se encontrava no caminho no qual ela vinha em desabalada fuga. A senhora branca a vê passar e se esconder por perto. Entretanto, nega tê-la visto quando o feitor a interpela. Condoída com a situação da escrava e do filho, a senhora branca os acolhe em sua casa. No ínterim entre a estadia da escrava na casa da mulher que a acolheu e de sua morte nesta mesma casa, a escrava narra brevemente os momentos mais difíceis que viveu no cativeiro, sendo que um deles é quando seus filhos gêmeos lhes são tirados dos braços para serem vendidos.

Já em *Úrsula*, a narrativa gira em torno do encontro e do amor de Úrsula e Tancredo. Amor este que encontra no tio de Úrsula um empecilho para a sua concretização, pois o tio nutre uma paixão pela sobrinha e faz de tudo para separar o casal. Entre uma cilada e outra preparada pelo tio da moça para impedir que os dois jovens se casem, entram em cena os personagens que diferenciam a literatura de Maria Firmina dos Reis das outras deste período: Túlio e a velha e boa Susana. Túlio, um escravizado, ao salvar a vida de Tancredo acaba aproximando-o de Úrsula, para quem trabalha. Susana também é uma escravizada na casa de Úrsula. Ambos têm voz ao longo da narrativa e fazem uso dela para argumentar sobre o que é liberdade, para exporem suas opiniões sobre o sentido de liberdade, por exemplo. Aspecto inusitado para a literatura da época, visto que estes escravizados têm voz, pensam e podem expressar seus sentimentos.

Neste contexto, difícil ignorar o fato de que quando Maria Firmina traz para suas obras personagens negros expondo, através do próprio discurso, sua condição no mundo, seus sentimentos, fica evidente a mão de uma escritora corajosa, ousada e à frente do seu tempo. Mas não apenas o fato de as obras terem tais personagens a colocam à frente do seu tempo, nem apenas isso denota sua coragem. É preciso considerar também o tema abordado, a escravidão, e os mecanismos utilizados pela autora para tornarem válidos os discursos dos escravizados e o discurso antiescravocrata. Nesse sentido, no que tange a esses mecanismos, eles vão do uso de uma personagem-narradora-branca<sup>17</sup> ao uso de bons e fiéis escravizados, passando por aspectos religiosos. De forma mais específica, por exemplo, a vida da personagem-escravizada no conto “A escrava” vem ao conhecimento do leitor quando a *personagem-narradora-branca* utiliza a história da escravizada e do filho dela, também escravizado, como uma extensão ou argumento para proferir seu (da personagem-narradora-branca) discurso sobre a escravidão, como ela mesma coloca ao dizer: “eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima”<sup>18</sup>. A vítima, no caso, são os escravizados, no conto representados pela escravizada e pelo filho dela. *Esses dois* se tornam os argumentos humanitários utilizados pela personagem-narradora-branca que, diante de uma plateia, “em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade [...]”<sup>19</sup>, faz um caloroso discurso antiescravocrata. No seu discurso subjaz, além do teor religioso e humanitário, também o econômico e social. Nele, a narradora-branca enfatiza a ideia de que “por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal”<sup>20</sup>, pois

Dela a decadência do comércio: porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vêm o opróbrio, a vergonha; porque de frente ativa e desassomburada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...<sup>21</sup>

Contudo, conforme a narrativa do conto vai se desenvolvendo, não é essa personagem-narradora-branca que defenderá o aspecto humanitário do seu discurso, pois são os próprios negros que o defendem ao narrarem as atrocidades vividas, expondo para o leitor o quanto a escravidão fere os

---

<sup>17</sup> Essa personagem está presente no conto “A escrava”. Neste conto, o foco narrativo é entremeado pela 1ª e 3ª pessoa. Quanto está em 1ª pessoa, o narrador é a personagem-branca, que narra, sob o ponto de vista dela, os acontecimentos ocorridos a partir do momento em que encontra uma escrava e o filho escravo em fuga e os seus algozes.

<sup>18</sup> (REIS, 2004, p. 242-243).

<sup>19</sup> (REIS, 2004, p. 241)

<sup>20</sup> (REIS, 2004, p. 242)

<sup>21</sup> (REIS, 2004, p. 242)

(seus) direitos humanos. Por isso, pode-se dizer que os argumentos utilizados para o discurso antiescravocrata são, nesta narrativa, os próprios negros. São eles e, conseqüentemente, a condição desumana à qual estavam algemados. Utilizar esses argumentos através da pessoa e do discurso do negro foi uma atitude politicamente corajosa, humanitária e inteligente. Neste contexto, pode-se dizer que o papel da personagem-narradora-branca foi o do microfone ou jornal, isto é, foi o instrumento/mecanismo através do qual estes argumentos puderam ser ouvidos/lidos/reproduzidos/disseminados em alto e bom tom, fazendo com que o mesmo chegasse até os salões onde as “pessoas distintas” se reuniam. Locais onde obviamente esses discursos eram necessários, pois “o assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam”<sup>22</sup>. E que era (local) inacessível para os negros enquanto frequentadores. Porém, caberá a voz da personagem-narradora-branca, na qual se vislumbra a voz da própria autora, afirmações como “o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo”<sup>23</sup>. Ou seja, o Brasil é um país de negros.

Quanto ao aspecto religioso, em particular, há, sim, certo ‘apelo’ à religião para apoiar o discurso antiescravocrata da personagem-narradora-branca, mas, por outro lado, existe (inconscientemente ou não) toda uma ‘construção’ política implícita na narrativa para desmascarar uma sociedade fervorosamente católica. Sociedade na qual ainda havia quem expressasse “[...] sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove!”<sup>24</sup>. Tendo em mãos uma obra escrita dentro do padrão folhetinesco, poder-se-ia desprezar esse apelo religioso, explicando que o teor exacerbado presente nele é fruto dos arroubos tão próprios do Romantismo. Contudo, ao confrontar e questionar a sociedade dizendo que

[...]. A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam em alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizeime:

Para que se deu em sacrifício, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!?”<sup>25</sup>,

---

<sup>22</sup> (REIS, 2004, p. 241)

<sup>23</sup> (REIS, 2004, p. 242)

<sup>24</sup> (REIS, 2004, p. 241)

<sup>25</sup> (REIS, 2004, p. 241-242)

a personagem-narradora-branca lança na face dos ‘cristãos’ a hipocrisia dos dogmas da sua religião. Dogmas que têm sido os sustentáculos da moral, dos costumes sociais e do papel da mulher construídos social e historicamente na sociedade ocidental.

Quanto ao fato de ser uma personagem-narradora-branca a elaborar esse discurso, é natural, creio, que assim o seja. Só o fato de a personagem ser uma mulher já era algo para tornar tal discurso sem validade na sociedade patriarcal e conservadora da época. Portanto, naquele contexto, sequer seria possível imaginar que o mesmo discurso pudesse ser proferido por uma narradora-personagem-negra. Mas caso a literatura possibilitasse tal feito, este discurso, além de ser considerado sem validade, ainda poderia ser acusado de trazer em si um tom rancoroso/emocional devido a todo o histórico social e humano do(a) negro(a) imputado a eles naquele momento, como comumente hoje se ouve quando negros(as) se manifestam esclarecendo certos fatos relacionados à injustiça social, por exemplo. Sendo assim, proferido pela narradora-personagem-branca haveria uma chance maior de surtir efeito na sociedade da época, visto que a cor da pele da narradora não só lhe dava a necessária ‘neutralidade’ para discursar sobre aquilo que não vivia como conferia à sua fala a força que, aparentemente, subjaz os discursos dos detentores do poder econômico/intelectual/político...

Contudo, independente dos motivos, é fato a inovação trazida pelos personagens negros ao possibilitar ao escravizado-objeto tornar-se um escravizado-sujeito, isto é, sujeito, até certo ponto, da própria voz, pensamentos e sentimentos. Neste aspecto, *diferentemente*, por exemplo, do personagem Prudêncio<sup>26</sup> de Machado de Assis que, mesmo liberto, utiliza-se do poder dessa liberdade para reproduzir atos e discursos do dominador (os escravocratas)<sup>27</sup>, em Maria Firmina, os personagens negros, tanto no conto quanto no romance, utilizam-se da voz dada a eles para lançar questionamentos, para expor a condição desumana na qual são obrigados a (sobre)viver. Não quero, contudo, desmerecer ou lançar críticas à construção do personagem Prudêncio. Infelizmente, Prudêncio, por inúmeras razões compreensíveis, é um genuíno representante de muitos indivíduos negros e brancos que transitam pela sociedade brasileira que assimilam e reproduzem o discurso do opressor. Assumindo e reproduzindo esse discurso, eles, na sua ingenuidade, acreditam deixar de ser

---

<sup>26</sup> Personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

<sup>27</sup> Lélia Gonzalez (2018, p. 40), ao se referir à mucama, intitulada de “Mãe Preta”, assim como ao “Pai João”, defende a ideia de que eles não são aquilo que a ideologia oficial quer deixar transparecer: exemplos da suposta harmonia racial existente no Brasil. Muito pelo contrário, para ela, eles são exemplos de resistência, pois “[...] existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas, é a “*resistência passiva*”. Nesse sentido, Prudêncio, antes de ser liberto, aparentemente fazia certo tipo de *resistência passiva* deixava-se ser, mesmo porque não tinha escolha, o “cavalinho” de estimação do então garoto Brás Cubas, com quem, aparentemente, brincava de forma afetuosa. O garoto, contudo, não nutria, aparentemente, o mesmo sentimento. Contudo, ao se tornar liberto, escraviza um negro e espanca-o, reproduzindo o discurso do opressor.

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



o oprimido. Só talvez não saibam que podem se tornar também opressores. E nessa fantástica transmutação eles vivem a ilusória sensação de ser aquele que, na realidade, nunca os deixou de oprimir também.

Mas, assim como têm os Prudências, por outro lado, também há, na sociedade brasileira, seguramente, algumas Susanas<sup>28</sup> tentando discursar, expor seu ponto de vista, como o faz Susana ao dizer para Túlio: “Meu filho, acho bom que não te vás. Que adianta trocares um cativo por outro!”<sup>29</sup>; assim como há “A(s) escrava”(s), nossas muitas Marias sem nome, sem identidade, invisíveis socialmente, lutando bravamente para fugir dessa condição de invisibilidade, de opressão social na qual vivem.

No que tange ao romance *Úrsula*, aqui, além da voz do escravizado, expressa em discurso direto, ouve-se também o discurso inflamado de um narrador em 3ª pessoa para o qual a escravidão era uma “odiosa cadeia”<sup>30</sup>. Nas palavras desse narrador onisciente, “coitado do escravo! nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!!...”<sup>31</sup>. E clama: “Senhor Deus! quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país ... aquele que é seu irmão?!”<sup>32</sup> E nota-se também neste texto um apelo religioso e também um discurso humanista – ora proferido pelo narrador, ora pelos personagens, inclusive os personagens Túlio e Susana.

É possível verificar tal discurso humanista nos personagens escravizados, pois eles têm voz, pensam e podem expressar seus sentimentos: “– Túlio, – continuou – não sabes quanto sofro quando recordo-me de que a nossa querida menina<sup>33</sup> vai tão breve ficar só no mundo!”<sup>34</sup>. E de posse de voz esses personagens negros conseguem manifestar, de forma breve, porém engajada e contundente, o lado humano do indivíduo.

Se pensam, se sentem, ao dar voz para os escravizados, a narradora abre espaço para o leitor (com)provar a desumanidade da escravidão através da própria voz deles. Haja vista, nesse sentido, quando Túlio argumenta com a escravizada Susana sobre partir ou não com o senhor Tancredo (o mocinho que ama a mocinha Úrsula) e que lhe dera a alforria: “Não troco cativo por cativo, oh

---

<sup>28</sup> Susana é o nome da personagem escrava no romance *Úrsula*.

<sup>29</sup> (REIS, 2004, p. 113)

<sup>30</sup> (REIS, 2004, p. 22)

<sup>31</sup> (REIS, 2004, p. 22)

<sup>32</sup> (REIS, 2004, p. 23)

<sup>33</sup> Refere-se à personagem Úrsula.

<sup>34</sup> (REIS, 2004, p. 113)

não! troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! [...]: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento!...”<sup>35</sup>. Nesse caso, em específico, embora Túlio argumente que não está trocando cativo por cativo, ao ir com o senhor Tancredo, na verdade ele está trocando cativo por cativo sim, como a própria Susana lhe explicará ao longo da narrativa. Existem diferentes formas de se ser escravizado por alguém: a escravidão forçada, a escravidão afetiva, a moral/psicológica. Pela sua “libertação”, Túlio seria moralmente eterno devedor de Tancredo. A essa escravidão, que ganha o nome de lealdade, não há dinheiro que compre a liberdade<sup>36</sup>.

Em relação à escravidão presente no texto, não são os personagens brancos que falam sobre ser escravizado, sobre liberdade. Quem fala é aquele que estava vivenciando a escravidão. Neste aspecto, quando os escravizados pronunciam um discurso, Maria Firmina dos Reis permite a eles usufruírem de um direito que socialmente eles não tinham e, além disso, dá a oportunidade de os mesmos falarem o que vivenciam. Neste contexto, pode-se inferir que ao dar voz aos escravizados Maria Firmina dos Reis antecipa “o pensamento feminista negro”<sup>37</sup> que

seria [...] um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade... *ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que as vivem.*<sup>38</sup>

E como falam a partir do que veem, sentem, vivem e conhecem na pele – literalmente –, o discurso ali relatado tem outra dimensão, visto que há diferença quando o próprio negro fala/escreve sobre o negro. Ou seja, o lugar de fala é relevante. Nesse sentido, para Cuti, por exemplo, “a experiência interior de um negro nenhum branco tem”, assim como “a experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem”<sup>39</sup>, afirma o poeta em uma entrevista publicada na revista *Afinal* (13-01-1987),

No que tange à representação da mulher negra, tanto no conto “A escrava” quanto no romance *Úrsula* temos representações – simbólicas, visto que são obras ficcionais – da condição social na

<sup>35</sup> (REIS, 2004, p. 114)

<sup>36</sup> Essa lealdade é muito presente na população negra com idade acima de 60, 70 anos. Uma avó materna, por exemplo, serviu, lavando roupa, por anos a fio à família de um senhor advogado sem receber salário. O mesmo pagava conta da luz quando e se minha avó, depois de se torturar em cólicas, buscando por coragem (por conta do orgulho) ia até ele *pedir-lhe* dinheiro para pagar a conta. Segundo ela, devia muitos *favores* àquela família, por isso lavava a roupa deles, mesmo sem ter um salário. Isso é um tipo de escravidão, controlada por uma lealdade – que só ocorria por parte da minha avó. Quanto aos favores, não existiram sob nenhum aspecto, era apenas fruto da subserviência adquirida.

<sup>37</sup> (BAIROS, 1995, 463)

<sup>38</sup> (COLLINS, apud BAIROS, 1995, p. 463 - grifos meus)

<sup>39</sup>MOTT, Maria Lúcia de Barros. “Escritoras negras: resgatando nossa história”. Disponível em <<http://cucamott.sites.uol.com.br/index.htm>>

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

qual a mulher do século XIX vivia. Sendo assim, o espaço geográfico da “preta Susana”, como dificilmente não o seria na vida real naquele momento, é a cozinha (contudo, existiram as exceções, isto é, mulheres negras fora do âmbito da cozinha, da lavoura, como é o caso da própria Maria Firmina dos Reis). Em relação a Susana, personagem do romance *Úrsula*, ela entra em cena no capítulo IX, intitulado “A preta Susana”. Ela, segundo o narrador, é “uma mulher escrava; e negra como ele (Túlio); *mas* boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe [...]”<sup>40</sup>. Com essa descrição física e psicológica da preta Susana, o leitor começa a conhecê-la; e (re)encontra a forma habilidosa com a qual o narrador se refere à(ao) escravidão/escravizado(a) e à moral do(a) escravizado(a), usando de uma conjunção adversativa para intermediar duas orações como, por exemplo: “uma mulher escrava; e negra como ele; *mas* boa” ou “era infeliz; *mas* virtuoso”<sup>41</sup>. É como se o narrador estivesse se desculpando diante dos leitores e/ou pedindo uma compreensão antecipada (nota-se esse mesmo aspecto no prólogo quando a autora apresenta sua obra aos leitores<sup>42</sup>). Palavras, a princípio, destituídas de pretensão, mas que soam como um pedido de licença para manifestar algo. Este algo pode se referir a dois aspectos. Primeiro, à denúncia implícita contra a escravidão. Segundo, e parece-me a mais provável, à inconsciente manifestação contra estereótipos socialmente construídos e que o narrador, *inconscientemente* tem introjetado por ouvir dizer e não por, necessariamente, acreditar neles: negro é tudo de negativo. Por isso o “mas”: “e aí havia uma mulher *escrava*, e *negra* como ele, mas *boa* e *compassiva*.” A conjunção adversativa é a arma com a qual a narradora tenta atingir a simpatia dos possíveis leitores. Por isso, ela (conjunção) tem a função de ‘aplar’ possíveis antagonismos introjetados, explícitos ou não, para com o escravizado ou o negro (alforriado). Os adjetivos “boa” e “compassiva”, por outro lado, são as ‘desculpas’ ou argumentos positivos usados pelo narrador para justificar a presença e a voz de escravizados na sua narrativa. Já a junção do “mas” com os adjetivos possibilita ao narrador, (in)conscientemente, eximir os personagens negros do (pré)conceito gerado pelos estereótipos construídos dentro da sociedade. Ou ainda, esses elementos foram a forma encontrada pelo narrador para demonstrar o caráter, a moral dos personagens... e deixar a cargo do leitor refletir sobre esses dados.

<sup>40</sup> (REIS, 2004, p.111 – grifo e parênteses meus).

<sup>41</sup> (REIS, 2004, p. 23)

<sup>42</sup> No prólogo (p.13-14), utilizando de muita humildade e de uma submissão servil, a autora, por isso, utiliza de palavras que desmerecem sua obra e sua capacidade intelectual. Desnecessárias, diga-se de passagem, pois as obras têm suas qualidades. E, para nós, a maior qualidade não é a história de amor vivida por Úrsula regada ao desejo incestuoso do tio por ela, nem da fuga desenfreada da escrava, mas sim, os discursos social, antropológico, antiescravocrata são muito bem articulados e engendrados ao longo das tramas.

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

Quanto à representação da mulher negra, em pleno século XIX, como não poderia deixar de sê-lo, é também a de mãe. A posição maternal desempenhada pela Susana, “que serviu de mãe”<sup>43</sup> a Túlio, era algo comum, pois substituir, naquele tempo, as mães vendidas pelos senhores escravocratas ocorria frequentemente, como é sabido. Além disso, “o que percebemos é que [...] coube-lhe (a mulher escrava) a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro”<sup>44</sup>. Salvas as exceções.

No século XXI, aquela mãe Susana é essa mulher negra que sustenta o lar e o(s) filho(s), netos e agregados. São aquelas que têm deixado seu(s) bebê(s) nos braços de um(a) filho(a) mais velho(a) ou de uma vizinha para acalantar, muitas vezes educar, o(s) bebê(s) das mulheres brancas, classe média alta para que estas possam, na maioria dos casos, trabalhar fora, ascender-se financeira e profissionalmente – conquistas merecidas do feminismo, vale enfatizar, mas que ainda não chegaram de forma igualitária e efetiva até às mulheres negras, pois estas ainda são a grande maioria nos empregos em casa de família, por exemplo, ou em serviços mal remunerados que não possibilitam a elas pagar uma boa escola para deixar os filhos e/ou pagar alguém para cuidar, deixando-os, assim, muitas vezes, sob os cuidados de outros irmãos, ou seja, crianças cuidando de crianças.

Quanto a esse cuidar do bebê dos outros, isso não deixa de ser um hábito e/ou condição herdados do sistema escravocrata que as obrigava a proteger as crianças que ficavam “órfãs” quando as mães eram vendidas ou morriam. Ou é apenas resquício do seu papel como ama-de-leite. Papel no qual era obrigada a amamentar os filhos das senhoras em detrimento dos seus (assim como antes, ainda hoje por questão de sobrevivência são obrigadas a deixar os seus para cuidar dos filhos das mulheres brancas, na sua grande maioria, classe média alta). Contudo, o fato de amamentar o(a) filho(a) do responsável direto pela perda ou ausência do próprios filhos não influenciava (salvo uma e outra exceção que deve ter ocorrido) o desvelo e cuidados com os quais as amas-de-leite cuidavam do(a) filho(a) do senhor, havendo, muitas vezes, a transferência do amor materno da escravizada para o(a) filho(a) do senhor e vice-versa<sup>45</sup>. Relações de amor que, aparentemente, só a escravidão no Brasil vivenciou e, por isso, talvez possa explicar.

Neste contexto, pode-se concluir que Maria Firmina dos Reis não só denunciou a chaga do seu período histórico e literário como também sutilmente tentou desmontar alguns argumentos que,

---

<sup>43</sup> (REIS, 2004, p. 111)

<sup>44</sup> (GONZALEZ, 2018, p. 38 – parêntese nosso)

<sup>45</sup> Tomemos como exemplo o caso de Sílvio Romero, muito embora não seja o único caso, nem o melhor exemplo: “Sílvio Romero recordando o seu tempo de menino [...] disse uma vez que nunca viu rezar tanto quanto a escrava Antônia, sua mãe-negra. [...]. Ainda hoje existe, nonagenária, no Lagarto, ao lado de minha mãe, essa adorada Antônia, a quem me acostumei a chamar de minha mãe [...]” (FREYRE, 2006, p. 437).

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

(in)diretamente sustentavam a escravidão no Brasil. E pressupondo a veracidade desta assertiva, ela está, então, de certa forma, dando os primeiros passos no caminho trilhado anos depois por Lima Barreto e escancarado, lá, a seu modo, por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*. Ela, dentro das possibilidades do sistema patriarcal e escravocrata, ousa abordar de forma engajada um tema como a escravidão, trazendo à tona a história, a condição social e o lado humano do negro, como é possível comprovar no excerto abaixo:

– Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! [...].  
Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas; e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo... [...].  
O escravo é olhado por todos como vítima e o é.<sup>46</sup>

Nem Machado de Assis fez isso  *dessa forma* tão objetiva, direta e simples. Ele, é certo, usou de ironia para criticar tal sistema e isso, a luz do olhar crítico de hoje, é genial. Contudo, para a época, quantos daqueles leitores entenderam essa ironia? Mas, como já citado, existem várias formas de resistência... E cada um resiste como lhe é possível resistir. A resistência de Lima Barreto, por exemplo, é singular. Ele, da mesma forma que Maria Firmina dos Reis, faz sua resistência através de cada um dos seus personagens negros ou mulatos. O discurso engajado, humanista, histórico, econômico, sociológico e político que Maria Firmina ensaiou, Lima Barreto escreveu com todas as letras; Gilberto Freyre não só escreveu, ainda que a partir de um olhar do branco colonizador, assim como consagrou tal discurso, abrindo caminho para outros discursos e discussões acerca do negro na sociedade brasileira.

Pode-se dizer também que, inovando e antecipando Marilene Felinto<sup>47</sup>, por exemplo, Maria Firmina dos Reis traz a personagem feminina do conto “A escrava” fora do reduto de um lar, pois ela está em plena fuga de um sistema, de um homem “de cor parda, de estatura elevada [...]. Fisionomia sinistra [...] que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante [...]”<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> (REIS, 2004, p. 241-242. - A fala é proferida pela narradora-personagem que é branca.)

<sup>47</sup> Ver *As mulheres de Tijucoapo* (1982).

<sup>48</sup> (REIS, 2004, p. 244)

Porém, em Reis, diferentemente de Felinto, como *toda* mulher, principalmente do século XIX, e estando escravizada, a personagem não poderia escapar da maternidade. Inevitavelmente, a Susana é mãe do Gabriel, do “- Carlos! ... Urbano. [...]”<sup>49</sup>; os três filhos da personagem, sendo que os dois últimos, o seu “senhor os vendeu...eram tão pequenos...eram gêmeos. Carlos, Urbano...”<sup>50</sup>. Quanto a ser mãe, vivendo em um regime escravocrata, comandado com mãos de ferro pelo patriarcalismo aristocrático, uma escravizada pouca escolha tinha nesse sentido. Ou se tornava mãe mesmo que à força para aumentar a riqueza do senhor, visto que o valor de um escravo no mercado era alto, ou se tornava mãe devido aos abusos dos homens – negros e/ou brancos.

Contudo, esta personagem não se deixa dominar completamente pela opressão masculina. Ela é, assim como a criadora dela, uma mulher à frente do seu tempo e, por isso, busca fora do espaço doméstico a sua liberdade. E essa informação chega até o leitor quando, indagado pela narradora, “– foge sempre?”, o feitor responde que “sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge”<sup>51</sup>. Portanto, ainda que escravizada ou por ser escravizada, é uma mulher que luta duplamente, à sua maneira, contra o poder dos homens para mudar sua condição de escravizada e, conseqüentemente, para sair do seu estado de submissão. Paga, por isso, um alto preço, como todas as mulheres da literatura desse período que ousaram transgredir às regras impostas. Caracterizam-na como “[...] douada”<sup>52</sup> e ao final “- Morta! – Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para suas débeis forças”<sup>53</sup>.

Seja por influência do contexto externo, seja pela consciência da realidade a sua volta, as personagens negras não tem um final feliz. O sonho de liberdade é ceifado em pleno voo. E nesse ponto, a literatura analisada nada mais faz que expressar uma realidade, que era aregra e não exceção, da condição social da mulher negra no período oitocentista.

## CONCLUSÃO

Através das personagens Susana e de “A escrava”, nas obras aqui analisadas, a representação feminina denuncia a *presença* física, humana e literária da mulher negra brasileira (sobre)vivendo no contexto social, político e econômico do século XIX, mesmo sendo anônimas e/ou desconhecidas,

---

<sup>49</sup> (REIS, 2004, p. 251)

<sup>50</sup> (REIS, 2004, p. 253)

<sup>51</sup> (REIS, 2004, p. 245)

<sup>52</sup> (REIS, 2004, p. 252)

<sup>53</sup> (REIS, 2004, p. 258)

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

ou omitidas pela História e literatura. *Presenças* que denunciam o que foi ser mulher e mulher negra nos idos 1800.

Ser mulher negra naquele tempo, pela representação literária, conclui-se que era falar de si para si mesma, já que não tinham direitos enquanto cidadãs; ‘falar’ a partir de espaços vazios, já que não existiam enquanto ser humano e não *tinham* um espaço que fosse seu, pois não se pertenciam e não pertenciam a um determinado lugar. Era ser mulher marcada por perdas: de identidade, de mundo, de filhos e que acabam se perdendo, pois não é possível a ela os encontrarem. Ser mulher naquele tempo era ser e estar sozinha, no momento presente da narrativa, isto é, sem apoio masculino e/ou do Estado.

Ser mulher na sociedade dos idos 1800, em se tratando de Maria Firmina dos Reis, foi ser mulher ousada, corajosa e uma escritora como poucos literatos o foram. Foi ser mulher à frente do seu tempo e usar da literatura para reivindicar direitos e o fim da escravidão. E seguramente não foi a única.

Em suma, a presença da mulher negra – seja enquanto personagem ou cidadã/pessoa real – no século XIX, fez-se presente ainda e apesar da opressão social e das condições adversas em que viveu (e que, infelizmente, ainda vive). E trazer à tona essa presença é relevante para uma melhor conscientização de quem fomos, e somos, e poderemos nos tornar dentro da literatura, fazendo literatura e atuando na sociedade brasileira.

## **BIBLIOGRAFIA**

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: **Obra completa**. V. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BAIROS, Luíza. Nossos feminismos revisitados. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: [s.n.], 1995. n.2.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá EDUEM, 2003.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CALDWEL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. v.8, nº 2.

JOB, Sandra Maria. Maria Firmina dos Reis e a presença da mulher negra na literatura e contexto social brasileiro oitocentista. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

CARNEIRO, Sueli. Gênero, democracia e sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, S.G. (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

FELINTO, Marilene. **As mulheres de Tijucoapapo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 29.ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: O lugar da mulher. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZALEZ. Lélia. **Primavera para as rosas negras**. [s.l.]: Diáspora Africana, 2018.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Escritoras negras: resgatando nossa história**. Jan., 2009. Disponível em < <http://cucamott.sites.uol.com.br/escritorasnegras.htm> > . Acesso 7 nov. 2009.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Poéticas afro-femininas. In: CORRÊA, Regina Helena Machado Aquino. (Org.) **Nem fruta nem flor**. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo. O negro como objeto e sujeito de uma escritura. In: SILVA, Lucia Helena O. ; FERNANDES, Frederico A. G. (orgs.). **Cultura afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares**. Londrina: UEL, 2006.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Panorama da literatura afrobrasileira. In: **Callaloo**, Vol. 18, no.4. Literatura afrobrasileira: um número especial. Autumn, 1995.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. In: **Úrsula**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004.

SCHMIDT, Simone P.; ROSSI, Vania Malta. Caminhos de um (des)encontro: gênero e raça em revistas acadêmicas brasileiras. In: STEVENS, Cristina. (Org). **Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos**. Florianópolis: Mulheres, 2010.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.